

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO: vencendo barreiras através da educação

Joelma Rejane dos Santos Nascimento de Miranda ¹
Joelmarejane.cg@gmail.com

Esmênia Soares Barreto ²
esmenia11@hotmail.com

Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva³
valmargarida@yahoo.com.br

Maria da Vitória Gomes Costa
mvitoriagomes@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

A partir do final do século XX, a modalidade da educação de jovens e adultos (EJA) assume nova identidade: “a juvenilização”, marcada pela presença expressiva de jovens com idades avançadas, que buscam na volta à escolarização os meios de dar continuidade ao seu desenvolvimento humano e social. Incluir jovens e adultos no sistema educacional, prover condições de ensino, é uma necessidade. Garantir que o acesso à escola para essas pessoas, que por um motivo ou outro no decorrer de suas vidas foram privados desse direito, é obrigação e está prevista por Leis que regulam os direitos humanos e à Educação como um todo. A EJA vem justamente para garantir o direito à igualdade ou pelo menos amenizar as diferenças, oportunizando ao indivíduo uma educação de qualidade e resgatadora dos valores humanos na sociedade. Alfabetizar é colocar os alunos diante de uma realidade sem máscaras, sem sombras, em iguais condições e de iguais direitos. Este estudo, portanto, enfoca a história da educação de jovens e adultos como uma modalidade de ensino que possibilita aos alunos a oportunidade de não só concluir a educação básica adquirindo certificado, mas como também, a sua inclusão no mercado de trabalho e no Ensino Superior. Discutiremos, ainda, se realmente esses alunos estão sendo incluídos e em que contextos sociais os mesmos se encontram. Para embasarmos o estudo nos aportamos em pesquisas bibliográficas e em alguns relatos de experiências próprias e pessoais, o que serviu para fortalecer e enriquecer ainda mais os nossos estudos, reflexões e concepções.

Palavras- Chave: EJA, Inclusão, Educação, Qualidade, Direito.

INTRODUÇÃO

Os Estados e municípios que oferecem a modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) nos dias atuais, necessitam de um maior conhecimento nas mudanças ocorridas nas diretrizes curriculares e na própria modalidade de ensino, levando a uma maior

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

inclusão do seu corpo discente. Os educadores precisam ser melhor capacitados para acolher os alunos e mediar para lhes garantir os direitos de aprendizagem. Os profissionais que atuam nessa modalidade precisam entender que esses alunos têm os mesmos direitos na obtenção de um ensino de qualidade e que no final do período eles tenham alcançado uma aprendizagem significativa.

É necessário incluir esses alunos de fato. Precisamos de políticas que respeitem e gerem igualdade de direitos e deveres como todos os cidadãos necessitam. Nos dias atuais, existe uma necessidade de um novo pensar acerca das políticas educacionais e das propostas de inclusão desses alunos. Para um adulto voltar a estudar, tal atitude depende de vários fatores. Pode ser por um incentivo de alguém ou por uma necessidade de capacitar-se para o mercado de trabalho; o desejo de arrumar um trabalho menos pesado, melhor e com um melhor salário, dentre outros. Tais fatores motivam esse indivíduo a retomar seus estudos. Sabemos que não é fácil, pois muitos deles são pais e mães e passaram o dia inteiro trabalhando muitas das vezes em atividades rurais, expostos ao sol escaldante e voltar aos bancos de uma sala de aula requer desse aluno no mínimo uma força de vontade e um desejo de mudança muito grande por parte dele.

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos (Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos, V CONFINTEA, UNESCO, 1997, p.42).

Todo esse esforço necessita de um olhar humano e que faça valer à pena a volta para o espaço da escola. No entanto, o que muitos educadores fazem é olhar para os alunos com um olhar de fragilidade, tratando estes como “coitadinhos”, fazendo de conta que está ensinando e o aluno pensando que está aprendendo; mas como em todas as áreas existe o profissional que faz a diferença e não mede esforços para fazer esse aluno aprender. Por outro lado, o desejo maior desses alunos é o de se preparar para o trabalho, de ter autonomia e de se dar bem profissionalmente. Já que a grande maioria volta com esse intuito de ser inserida no mercado de trabalho, seria interessante proporcionar a esse aluno um ensino integrado entre estudos teóricos e práticos para que exista inclusão.

É importante ressaltar que a educação de jovens e adultos tem todo um percurso histórico e os diversos programas dessa modalidade de ensino só foram mudando de nome.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Podemos dizer que sua história foi dividida em três fases: de 1946 a 1958, período em que foram realizadas muitas campanhas nacionais que eram chamadas de cruzadas, ou seja, campanhas tentando acabar com o analfabetismo, mas infelizmente foram várias tentativas frustradas nesse tempo o analfabetismo era visto como uma doença.

Outro período foi de 1958 a 1964. Em 1958 tivemos a realização do 2º congresso nacional de Educação de Jovens e Adultos, o qual contou com a participação do Paulo Freire. Desse congresso partiu a idéia de um programa permanente relacionado ao problema da alfabetização surgindo o plano nacional de alfabetização de adultos, onde quem estava à frente era o Paulo Freire. No entanto, mas mais uma vez esse plano foi abortado por causa do golpe de estado de 1964. Mais uma vez a educação tem um retrocesso lamentável e as classes menos favorecidas saem muito prejudicadas. O evento acabou por priorizar os debates acerca da educação primária (FREITAS, 2009), e assim as campanhas com intenção de “erradicar” o problema do analfabetismo não pararam por aí e logo em seguida surgiu o movimento brasileiro de alfabetização Mobral que previa atender um grande contingente da população num breve espaço de tempo, com abrangência em todo território nacional. O foco principal era eliminar gradativamente o analfabetismo de adultos (15 a 35 anos). Assim esse programa desenvolveu atividades de alfabetização tanto junto a grupos urbanos como em agrupamentos rurais, tentando repassar todo um leque de idéias que sustentavam o projeto político do governo militar.

De acordo com os pesquisadores da área de EJA, a educação de jovens e adultos não foi criada da noite para o dia. Ela existe há muito tempo; ou seja, desde o tempo colonial e quem trouxe essa modalidade de ensino para o Brasil foram os jesuítas, que chegaram a nossas terras querendo mudar a cultura dos indígenas. Eles começaram pelas crianças já que achavam que os adultos já eram acostumados nos seus “vícios” e era difícil de ser moldados. A primeira coisa que fizeram foi aprender a língua deles, para facilitar a comunicação e até mesmo ficar mais fácil de manipularem. Infelizmente as mulheres não eram incluídas nos meios de alfabetização (SOARES e GALVÃO, 2004).

Este estudo tem como objetivo central focar a história da educação de jovens e adultos Bem como, Discutirmos, se realmente esses alunos estão sendo incluídos e em que contextos sociais os mesmos se encontram.

A seguir, evidenciaremos um pouco do percurso que a EJA vem percorrendo, assim como reflexões a cerca de sua trajetória desde seu início até os dias atuais.

METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho foi tomado como experiência o convívio direto como aluna dessa modalidade e também levantamento bibliográficos através de artigos e livros que abordam essa modalidade de ensino. Não podemos esquecer uma figura muito importante já que ele serve de exemplo para o seu aluno aprendiz. Em todas as modalidades de ensino a presença e mediação do professor servem de estímulo para que o aluno permaneça estudando. Muitos casos de evasão acontece em função de o educador não dar conta de uma metodologia inovadora que leve esse aluno a querer aprender cada vez mais. O educador precisa fazer nascer dentro do seu aluno a curiosidade de aprender, como também fazer esse indivíduo entender que somos únicos na sociedade e que nossa presença é significativa para que o nosso país cresça, através de nossos exemplos. O educador não deve ser agente de exclusão jamais e sim exemplo de inclusão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para trabalharmos com pessoas adultas precisamos de uma dinâmica diferenciada, um método mais atrativo, algo do interesse cotidiano, e para isso precisamos de profissionais preparados e qualificados para exercer tal função. Tendo em vista que consideramos a educação como o maior e o melhor instrumento para alcançar o sucesso, tanto pessoal como profissional, por que não utilizar-se dela para obter inclusão social? Precisamos, como educadores, mostrar a esse aluno da EJA a importância que ele tem para a sociedade e para o mundo e aquele momento dele na sala de aula é único e muito importante para o seu desenvolvimento, que através do estudo ele vai alcançar níveis bem mais altos. Em todos os momentos precisamos ver a educação como lugar de inclusão e respeito, precisamos ser o o impulsionador na mudança na vida dele e que através da educação esse aluno consiga compreender melhor ele e as pessoas que estão ao seu redor, que faz parte do seu cotidiano seja, escolar, seja familiar. Infelizmente a sociedade, ao invés de inserir o indivíduo no convívio escolar exclui ele como não fizesse parte do meio dos falantes e deixam esse aluno somente como um ouvinte onde não tem vez e nem voz para a sociedade (GNERRE 1994:112)

Com a inclusão da modalidade EJA, o índice de analfabetismo diminuiu muito nos últimos anos, mas ainda está longe de ser o que sonhamos. Com a implantação da Lei Diretriz

e Bases da Educação Nacional, comparando com a educação de alguns anos, hoje a educação está bem melhor, mas não restam dúvidas que ainda precisamos melhorar e muito para chegar ao resultado esperado, compreendemos também que dentro dessa implantação devemos incluir e dar condições para que a modalidade EJA avance e que nossos jovens e adultos sejam contemplados com toda reforma e melhoria que venha a ser implantada no nosso País . Através do artigo 208 da Constituição de 1988 foram atribuídos os nossos jovens e adultos o direito à educação fundamental gratuita. Assim, os poderes públicos têm o dever de disponibilizar vagas nas escolas para essa modalidade de ensino. Precisamos ser agente de mudança para junto com nosso aluno melhorar o mundo que queremos para o futuro. Não podemos negar que mesmo lentamente o Brasil conseguiu avançar nas questões relacionadas à modalidade de ensino EJA, mas, infelizmente, nosso país ainda é um dos que tem o maior número de analfabetismo.

A EJA é um direito; a chave para o século 21; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um prazeroso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça”. (BRASIL, Declaração De Hamburgo, 1999, p.19).

Assim já dizia o educador Paulo Freire, para fazer educação se parte de conhecer a realidade do seu alunado, conhecer a sua vida diária, o meio que esse aluno se encontra inserido, já que o aluno da modalidade EJA por algum motivo se viu “obrigado” a excluir os estudos da sua vida. Entendemos que o educador precisa conhecer a realidade do seu aluno. Só assim ele, o professor, vai compreender melhor suas necessidades e procurar meios que ajude esse adolescente, adulto, a assimilar os conteúdos recebidos (FREIRE, 2002. P.23).

O aluno da EJA é diferenciado, os seus perfis não são mais o de há alguns anos, que a grande maioria era da zona rural, hoje o aluno da EJA da rede pública são na sua maioria pessoas desempregadas, muitas das vezes por não ter o nível de ensino exigido pela a empresa, donas de casa, já que os filhos já estão grandes elas voltam a estudar para realizar o sonho de ter um diploma, jovens por necessidade de qualificação para o mercado de trabalho, idosos que já estão aposentados e podem ocupar o seu tempo livre, pessoas com alguma deficiência já que devido a idade ficam deslocados da sua faixa etária na modalidade regular de ensino e também os trabalhadores proletariados que precisam vender sua força de trabalho para as empresas e também trabalhadores do campo, assim compreendemos que

sociedade atual a Eja, engaja uma grande seleção de pessoas independente de religião, etnia, crenças e diferenças culturais.

Por todas essas razões citadas anteriormente, entendemos que o professor da Eja precisa ser um sujeito bem preparado, como também bem orientado para levar o aluno a alcançar sua aprendizagem, esse professor, vai lidar com pessoas que na sua grande maioria já chegam na escola cansadas, devido suas tarefas diárias, seja em casa, seja trabalhando fora, caso esse aluno encontre um professor desestimulado ou mal preparado, desestimulado, ganhando pouco, sem apoio dos órgãos competentes, esse professor pode não se interessar em criar condições para que esse aluno aprenda, como também caso esse aluno venha a passar por uma situação no seu dia a dia que exija raciocínio rápido, precisamos que ele esteja preparado no mínimo com uma boa leitura e escrita, que possa contribuir e favorecer nas suas escolhas e oportunidades. (HADDAD e DI PIERRO (1994))

Os professores que trabalham na educação de Jovens e Adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da EJA; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes (p. 15).

Assim de acordo com MACHADO (2010), a grande maioria dos professores que trabalham com a EJA não está preparada ou habilitada para essa modalidade, às universidades não dão ênfase, nem proporcionam um aprofundamento mais duradouro com relação ao tema, entre as disciplinas oferecidas pelas instituições de ensino superior, em geral só dedicam uma no máximo duas para quem trabalha com jovens e adultos, ou seja, ainda é um número muito inferior comparando com as outras oferecidas assim compreendemos que o professor independente da modalidade de ensino precisa dar continuidade a sua formação e principalmente dedica-se e se apropriar dos conhecimentos relacionados à sua área de trabalho, só assim poderemos oferecer um serviço de qualidade para o nosso alunado e também uma aprendizagem almejada pelo nosso público alvo.

Precisamos incluir esse aluno em todos os meios da sociedade como um ser de direito, já que a escola é um espaço de troca de conhecimento e interação entre pessoas. Então, compreendemos que o pensamento Freireano favorece uma abordagem crítica de diferentes questões da particularidade do aluno. Esse aluno pode se expressar, falar dos seus

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

sonhos e projetos para o futuro, sem ser excluídos pelos os demais, de forma mais geral, e do ensino de ciências, em particular. Consideramos especialmente relevantes aspectos relacionados à educação problematizadora, à comunicação dialógica e à construção da autonomia do sujeito. Para Freire o sujeito precisa ser liberto dos modos de amarras que a sociedade criou para ele, para que aja essa ação transformadora sobre o indivíduo precisamos, ser um sujeito com idéias transformadoras e não escravos do capitalismo onde quem é impera é a massa da elite, necessitamos compreender nosso lugar de sujeito no mundo, de pessoas pensantes e reflexivos para não nos tornamos escravos e oprimidos pelos opressores. E para que essa transformação aconteça precisamos caminhar juntos com a educação em todos os momentos da nossa vida, como também respeitar todas as modalidades de ensino e aprendizagem, dando – lhes oportunidades de inclusão para todos os indivíduos.

Precisamos independente da modalidade de ensino, incentivar o alunado a ter voz e vez, ou seja, ser um sujeito crítico que saiba argumentar e que saiba o que é democracia, respeitando a todos mesmos que pensem diferente. Uma das possibilidades, que está fundamentada nas pesquisas desenvolvidas por Paulo freire, é a Pedagogia libertadora com novas ideias que venha a somar para o aperfeiçoamento da aprendizagem desse aluno. O aluno que tem incentivo não tem medo de dialogar de igual para igual com o seu professor. Pelo contrário, tem segurança na sua fala e coerência no que diz. Não podemos fazer comparações já que sabemos que nenhum ser humano é igual ao outro. Portanto, não pensa igual, não age da mesma forma e nem aprende do mesmo jeito. Nós, educadores, precisamos respeitar o tempo de cada um, já que numa sala têm pessoas de vários jeitos e precisamos considerar que são indivíduos que vieram de famílias diferentes, de culturas variadas, numa sala de aula tem alunos que passam necessidades. Muitas vezes vão para escola sem comer. Neste sentido, essa escola necessita ser acolhedora e espaço de garantia de aprendizagem, que é um direito inalienável do aluno.

A repressão linguística é igualmente caminho para a repressão social e cidadã. Ela contribui para a reprodução das desigualdades sociais. Um locutor 'que é levado a desprezar o falar seu e de sua comunidade, tende a se desprezar e à sua comunidade. (...) A essência da linguagem verbal (...) está na possibilidade de construção de sentido, realizada, sobretudo, por meio da palavra, do enunciado (...), elementos também embutidos das concepções de mundo dos locutores. (CARBONI e MAESTRI 2003: 145)

Não devemos esquecer que não existem fórmulas prontas. Nessa busca incansável pelos culpados, esquecemos que todos nós temos uma parcela de culpa quando se trata de

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

enfrentar os desafios da educação e principalmente na modalidade EJA, em que o indivíduo tem pressa de ser incluído nessa sociedade que tem capital social, mas que muitas das vezes é tratada com indiferença por ser o aluno que está fora da faixa etária dita como a “certa”, mas todos compreenderam que é necessária a intervenção do professor valorizando esse aluno e mostrando que agora é o seu tempo. O educador tem o poder de resgatar a auto-estima perdida desse sujeito, já que muitos vêem o professor como um espelho e um exemplo a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, concluímos que apesar de todas as tentativas adotadas pelo sistema de ensino, a modalidade EJA ainda é vista com certa desconfiança, ou seja, o poder público não dá a devida importância a essa modalidade de ensino e não respeita as necessidades do aluno que estuda no intuito de melhorar a sua vida e até para resgatar a própria dignidade como cidadão. As instituições de ensino oferecem vagas, mas a demanda é grande e não dá para cobrir a grande procura, apesar de que a lei diz que o adulto deve ter oportunidade. Precisamos fazer valer o direito desse cidadão que procura ajuda para se qualificar no mercado de trabalho, já que a cada dia as exigências aumentam.

Assim, observamos que o aluno EJA busca ajuda pensando no seu futuro e não podemos negar que a aprendizagem eleva a autoestima do cidadão. Também falta divulgação dos programas que trabalham com esse jovem e adulto trabalhador. Ainda, precisamos conscientizar a sociedade mostrando-lhes que quem procura a modalidade EJA não é uma pessoa marginalizada e sim alguém que foi desprovido de oportunidades quando jovem. Assim, sugerimos que os educadores dessa modalidade realizem pesquisas e estudos que envolvam esses alunos, para que juntos descubram o interesse de cada um e o porquê de estar ali. Só assim, devagarzinho, esse aluno vai se sentindo incluso e mais seguro. Se possível, junto com a secretaria de ensino, levar palestrantes e cursos para esse aluno que já perdeu tanto tempo e precisa recuperar o “tempo perdido”. Uma boa relação entre professor e aluno onde ele sinta que é respeitado, que é tratado de igual para igual, como rodas de conversas e discussões sobre a aprendizagem, tentar descobrir a dificuldade de cada um e com paciência aprenderem juntos.

São necessárias, no espaço escolar, uma cultura do acolhimento e uma gestão do cuidado, que permitam ao aluno dizer: aqui é um lugar onde eu me sinto acolhido, onde eu sou escutado, onde eu posso dizer o que penso meu modo de ver o mundo e as relações que o compõem, o espaço escolar deve
(83) 3322.3222

ser, enfim um lugar onde o sonho acontece, onde o disciplinado é substituído por relações ético-afetivas. (CORRÊA, 2008, p. 25).

Então, para esses alunos considerados perfis diferenciados precisaram de uma escola que tenha um espaço que eles possam ter um momento de sociabilidade, de lazer que lhes traga alegria e prazer de fazer parte desse ambiente que acolhe e que respeita sua opinião, suas crenças, entre outros. Precisamos criar uma dinâmica de transformação social e de construção de conhecimentos e troca de saberes. Meios que valorizem suas perspectivas e anseios de aprendizagem uma vez que o aluno da EJA vai para a escola cheio de conhecimentos e saberes populares, já que a maioria já trabalha e ajuda seus pais. Temos, também, pais e mães de família que estão ali porque realmente querem e precisam seja para se qualificarem, seja para realização de um sonho que não puderam realizar quando jovem, seja para arrumar um emprego melhor. Esse aluno acorda cedo passa o dia lutando e quando chega à escola está cansado e para que a aprendizagem aconteça de uma forma prazerosa, precisa sentir satisfação no que faz.

REFERÊNCIAS

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario. **A Linguagem Escravizada**: Língua, história, poder e luta de classes. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BRASIL. **Conferência internacional sobre educação de Adultos**: Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. Brasília: SESI/UNESCO, 1999. Disponível em: . Acesso em: 05 julho 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 20 de dezembro de 1996, nº 9.394/96.

CORRÊA, Luis Oscar Ramos. **Fundamentos Metodológicos em EJA I**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In: ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F.A. A Alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **saberes necessários à prática educativa**-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

MACHADO, M. M. **Formação de professores de EJA: como as pesquisas tratam este tema?** *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, São Paulo, n. 13, dez.2001.